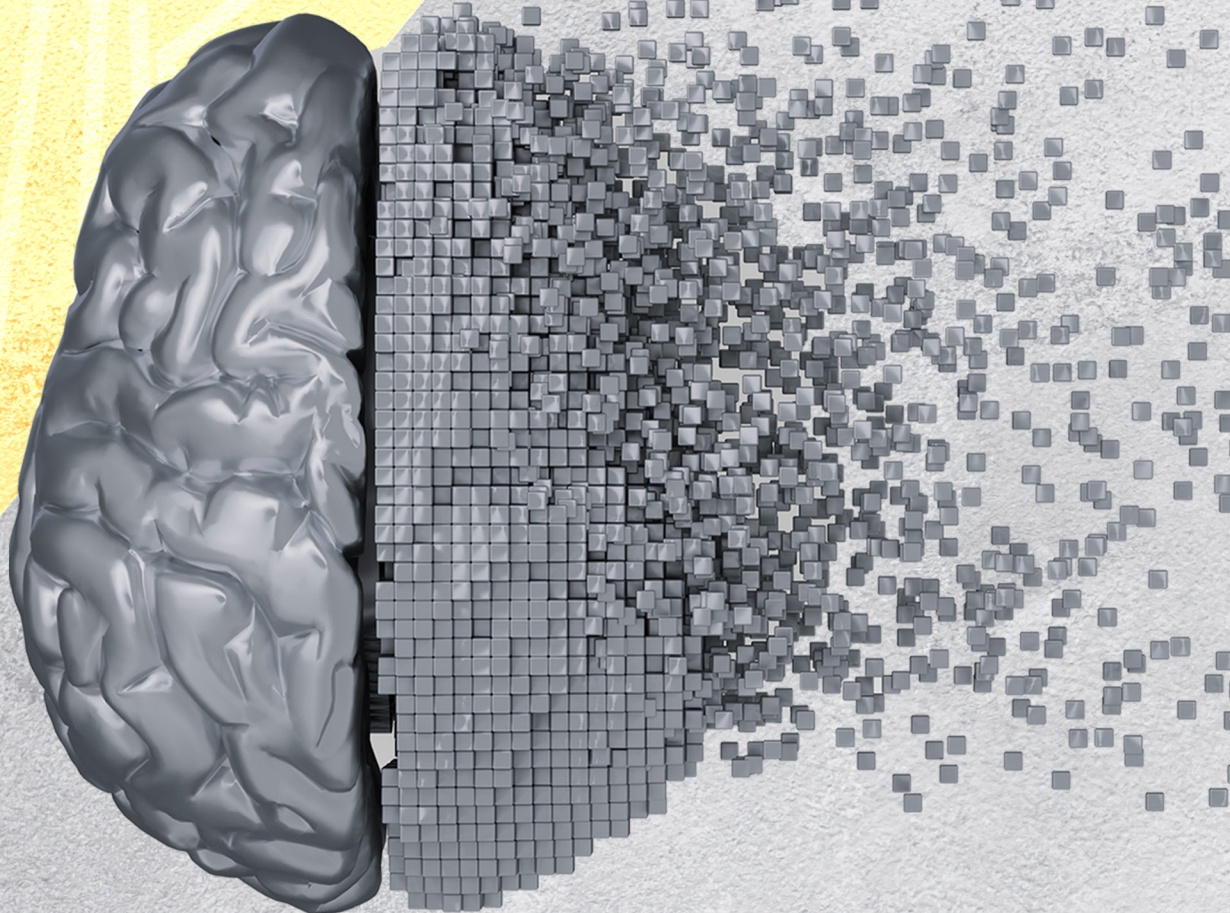


# A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Natália Sandrini e Lorena Prestes

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-278-4

DOI 10.22533/at.ed.784192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.  
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Drummond

O livro faz parte da publicação de três volumes reuni trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades realizadas na diversas Regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados, por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil. Faço deslizar lentamente os meus olhos pela linha de palavras que compõem o tema deste livro, sendo o meu primeiro desafio: qual face dessas palavras, entre as mil que possam ter, escolherei para tecer o fio que me permitirá entrar e sair do labirinto deste texto, de saída, que o discurso daquele que analisa não pode ter a aspiração de ser o avesso de discursos outros (do filósofo, do educador, da histeria, do mestre na intenção de passar-lhes a purificado).

Gostaria de me deixar levar pelos pensamentos que me arrebatam no processo que ora início de me haver com a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós mesmos na área das chamadas Ciências Humanas?

Contudo, sinto-o agora, o começo de qualquer discurso, como reconheceu Foucault, é angustiante. Ele, que tratou com seriedade e rigor o tema, sentiu o forte o peso que lhe conferia a linguagem em sua aula inaugural no Collège de France. Em sua fragilidade humana confessou:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível.(...) (p.5)

Escrever é como falar, uma captação de palavras; encontrar aquelas apropriadas para dar forma ao pensamento promove a obstinação de um arqueólogo. Percebo que a língua é uma matéria prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor no confronto com a própria solidão, com a lacuna de “algo que pudesse ter estado sempre aí” e pudesse, simplesmente, deixar-se (con) fundir.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento, quase sempre nos referimos à construção de saberes apontados sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever e a estar cada vez mais em solidão. O risco que corremos: terminarmos por nos afastar do mundo e dos papéis

que, nas ruas, nas esquinas, em nossas casas e classes tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns poderiam ajustar que quem fala não escolarizado compartilha e participa da produção do que se indica, carente, despectivo, desdenhativo de “senso comum”. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários que fazem as pessoas para entenderem a vida, é uma configuração legítima e considerada e qualificada de conhecimento. Alguém, por seu turno, poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas e estamos, aqui, falando de sistemas de verdades produzidas pelas ciências humanas, produzidos não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades. ” Temos, nesse “esclarecimento”, o desvelamento da divisão bem conhecida entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento da vida vivida pelos personagens que, incongruente, pretendemos pesquisar, se torna fato abalizado pelas fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo, prenuncio e ameaça, de sofrermos agressões por esse mundo que nos parece exterior, nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial e sendo assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

Ficamos nós como salvos para estarmos sempre às bordas com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto, assim que concluído, nas diversas formas de registro, para, logo em seguida, recomeçarmos o mesmo ciclo. Vemo-nos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida partilhada com nossos próprios. Se isto só não fosse suficiente, por sermos avaliados pelo que produzimos, nos tornamos “pessoas-produtos”. O próprio jogo institucional nos classifica em pesquisadores melhores e piores, medianos e brilhantes, nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a no olhar com a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos assim, vaidosamente, uns dos outros, como se estivéssemos submergidos num encastelamento.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e cuja natureza analisamos em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas vividas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas; estas, codificadas em livros e artigos, que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos sair intatos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos

dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, nesse período histórico, “isso” que chamamos *de estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, em uma escola inclusiva, quando nós mesmos nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissível entre si.

Eis uma questão me assenta em desalento. Vou expô-la aqui: o que, afinal, estamos fazendo com o cuidado de si, a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998)

de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p.13)

O retorno transformador do conhecimento para aquele que conhece deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar apartado do processo de produção do conhecimento enquanto tal. Esse pensamento, Foucaultiano (1998) responde:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (...) O “ensaio” (...) é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (idem, p. 13).

Foucault nos acena a filosofar como um exercício de (re) escrita de si, por meio *de práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*.

A importância das Ciências Humanas na produção de conhecimento, no entanto, não para a Educação, mas para nós mesmos, que habitamos os espaços onde, institucionalmente, conferimos materialidade às Faculdades de Educação. Todavia, já avanço: coloquei-me como membro, escrevo como parte dela. Faço parte do jogo que pretendi desnudar.

Perseguindo ainda a ideia de que nossa produção, às vezes, se torna uma compulsão que não nos permite ter tempo de deleitar-se o que produzimos, tento pensar como, usualmente, saímos desse impasse.

Creio que, às vezes, nos iludimos pensando que, quanto mais aprendemos, mais afinados teoricamente ficamos, mais temos o que ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que, de fato, ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, o desejo como o movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora

mas que se pode propiciar no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E, naquilo que atende, talvez não possamos nunca precisar em quê. O que sabemos é ponto de partida de nossa oferta, não é a satisfação da demanda daquele que busca conhecer.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham em tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações a cada época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas próprias maneiras de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que venha a ser válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo pela situação determinado. Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação abordaremos, inicialmente, o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica no sentido de acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

No artigo **ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES**, a autora LIDIANE MARIA MACIEL buscaram analisar o processo social de mudança desencadeada pelas migrações “permanentemente temporárias” laborais, ocorridas entre o interior estado de São Paulo e interior do estado do Piauí. No artigo **FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015**, os autores Sonia Vanessa Langaro e Valter Martins buscam analisar as características e relações constituintes do Faxinal do Salto, localizado no município de Rebouças/PR. No artigo **FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003**, os autores Danilo Rodrigues do Nascimento e Flávia Rodrigues Lima da Rocha buscaram propor uma nova maneira de pensar a origem e as articulações da filosofia, a fim de ampliar a discussão sobre sua procedência para além da Grécia, bem como discutir a aplicabilidade da Lei 10.639/2003. No artigo **GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR** os autores Andréia Oliveira Ferreira dos Santos e Rosiley Aparecida Teixeira buscam apresentar os resultados parciais de um estudo que surge mediante inquietações sobre uma gestão escolar burocrática e gerencial. No artigo **GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E**

**TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU**, as autoras Gisele Cristine Zimmer Samagaia Sabrina Speckart Ribeiro, Camila Amanda Schmoegel Elias trata de um relato de experiência da atividade em grupo realizada no CSI. Neste âmbito foi idealizado por uma estagiária o grupo para orientação e tratamento da incontinência urinária que foi nomeado como Grupo Segura Firme. No artigo **IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS**, os autores Higor Vieira de Araújo e Higor Vieira de Araújo e Francisco Bento da Silva, buscam para dialogar com narrativas visuais (charges e fotos) que trazem como temática a expulsão (desterro) de homens e mulheres no princípio do século XX para o Acre.

**INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA** os autores Jonny Lucas de Oliveira e Joyce Jaqueline Caetanolzabel Passos Bonete buscou promover uma discussão sobre o tema, por meio da análise de depoimentos de professores de Matemática, coordenadores pedagógicos e alunos do ensino fundamental de duas turmas, consideradas as mais indisciplinadas, de duas escolas públicas estaduais do município de Irati-PR. A escolha das turmas foi por indicação da direção das escolas. No artigo **LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LIGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO**, os autores Jeovana Ceresa, Nathália Fritsch Camargo, Guilherme Costa da Silva, Tamara Lansini Tolotti, Thayze Maria Marques Torbes, Guilherme Briczinski de Souza, Christofer da Silva Christofoli, Juliane Pinto Lucero, David de Souza Mendes, Mariana Edinger Wieczorek, Eduardo Garcia buscaram estudar sobre o envelhecimento humano no cuidado multiprofissional. No artigo **MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA** as autoras Adriana Lessa Cardoso e Márcia Alves da Silva buscam analisar a inserção no movimento feminista, para tanto analisamos uma narrativa de uma militante, dando visibilidade a sua trajetória de vida e militância, que se iniciou por volta dos anos de 1970, e que de alguma forma abriu espaço para tantas outras feministas. No artigo **Normalidade e diferença: vivências de estudantes de uma escola pública**, as autoras Akeslayne Maria de Camargo, Iris Clemente de Oliveira Bellato, Louise Gomes de Pinho, Emília Carvalho Leitão Biato, Barbara E. B. Cabral buscam discutir sobre a loucura como emblemática do que se considera desviante e inadequado, e busca articular essas concepções às vivências de estudantes em relação ao que tem sido avaliado como desviante e inadequado, atrapalhando o andamento da rotina escolar. No artigo **O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE**, os autores FLAVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA, MARIELE RODRIGUES CORREA buscam analisar os discursos dos relatos produzidos pelas crianças em relação aos encontros com os idosos e os estudantes universitários a fim de compreender aspectos intergeracionais e o papel da coeducação. No artigo **O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS**



**ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM**, o autor Wilverson Rodrigo Silva de Melo busca analisar como ocorre o ensino de Estudos Amazônicos e, como é abordado o tema da Revolta-Revolução da Cabanagem nas salas de aula das Escolas Básicas de Santarém. No artigo **O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO**, os autores Carine Magalhães Zanchi de Mattos, Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti, Bruna Camargo, Guilherme Silva Costa, Patrícia Krieger Grossi analisam os agravos de saúde advindos do processo de envelhecimento nas ruas, como ocorrem e as repercussões destes no trabalho de pessoas com mais de sessenta anos de idade que vivem em situação de rua em Porto Alegre. No artigo **O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE** os autores Ariadne Mazieri de Moraes e Francisco Xavier Freire Rodrigues buscam analisar a compreensão da dinâmica dos homicídios motivados pelo narcotráfico na região metropolitana da capital Mato-grossense compõe o projeto “Homicídios Dolosos no Centro Oeste brasileiro. No artigo **O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ** os autores TABARRO. Cristiane e AHLERT. Alvoriz analisam a importância do papel pedagógico na ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural e de princípios da sustentabilidade para o fomento da produção de alimentos mais saudáveis. No artigo **O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL**, os autores Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo e Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro, analisam os discursos de pessoas em sofrimento psíquico sobre a loucura e seu processo de estigmatização. No artigo **OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS**, os organizadores Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral e Marcelo Amaro Manoel da Silva, buscou promover a capacitação de cuidadores familiares da área de abrangência de uma Unidade de Saúde do Município de Divinópolis. No artigo **OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS**, os autores Renata Gonçalves Pinheiro Correa, Anna Raquel Silveira Gomes, Victoria Zeghbi Cochenski Borba buscaram conhecer os principais métodos de diagnóstico da Osteoporose, diretrizes de tratamento da Osteoporose, recomendações de suplementação de Vitamina D e Cálcio e treinamento físico para idosos com Osteoporose se torna muito importante no manejo da doença. No artigo **PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA**, autora Andressa Blanco Ramos Bispo a autora busca apresentar um estudo direcionado à melhoria do processo de alfabetização e letramento do público da educação de jovens e adultos, utilizando a música como instrumento mediador do processo de ensino-aprendizagem. No artigo **PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR** as autoras Ana Paula Fernandes Ferreira e Letícia Carolina

Teixeira Pádua buscam pensar, refletir sobre o fenômeno que se revela buscando questionamentos, enquanto que a Geografia Humanista de base fenomenológica permite uma maior aproximação das experiências pessoais.

No artigo **PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI**, os autores Marianna Nogueira Cecyn, Alex Mourão Terzi ,

Marcelo Demarzo, Daniela Rodrigues de Oliveira neste capítulo será discutida uma nova proposta para a educação baseada no cuidado ao professor. Programas Baseados em Mindfulness já são aplicados em escolas da Europa e Estados Unidos para a promoção da saúde da comunidade e para a melhora do ambiente escolar. No Brasil, em projeto de pesquisa inédito e inovador, foi construído um Programa de Promoção da Saúde Baseado em Mindfulness para o Educador (MBHP-Educa – Mindfulness-Based Health Promotion for Educators). Será apresentada brevemente a proposta e a estrutura do programa e os depoimentos de duas experiências: no município de São Paulo – SP e no município de São João del-Rei – MG .

No artigo **UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA** a autora Rosemary Trabold Nicácio neste artigo discute o percurso metodológico que apoiou minha tese de doutorado dentro da pesquisa qualitativa. Tenho como objetivo socializar as dificuldades iniciais que esse tipo de investigação pode trazer aos novos pesquisadores e algumas reflexões.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES	
Lidiane Maria Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.7841924041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015	
Sonia Vanessa Langaro	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7841924042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR	
Andréia Oliveira Ferreira dos Santos	
Rosiley Aparecida Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.7841924043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>47</b>
GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU	
Gisele Cristine Zimmer Samagaia	
Sabrina Speckart Ribeiro	
Camila Amanda Schmoegel Elias	
DOI 10.22533/at.ed.7841924044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>56</b>
IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS	
Higor Vieira de Araújo	
Francisco Bento da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7841924045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>69</b>
INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA	
Jonny Lucas de Oliveira	
Joyce Jaquelinne Caetano	
Izabel Passos Bonete	
DOI 10.22533/at.ed.7841924046	

**CAPÍTULO 7 ..... 78**

LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LiGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO

Jeovana Ceresa  
Nathália Fritsch Camargo  
Guilherme Costa da Silva  
Tamara Lansini Tolotti  
Thayze Maria Marques Torbes  
Guilherme Briczinski de Souza  
Christofer da Silva Christofoli  
Juliane Pinto Lucero  
David de Souza Mendes  
Mariana Edinger Wieczorek  
Eduardo Garcia

**DOI 10.22533/at.ed.7841924047**

**CAPÍTULO 8 ..... 85**

MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA

Adriana Lessa Cardoso  
Márcia Alves da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.7841924048**

**CAPÍTULO 9 ..... 91**

O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE

Flavio Ribeiro De Oliveira  
Mariele Rodrigues Correa

**DOI 10.22533/at.ed.7841924049**

**CAPÍTULO 10 ..... 107**

O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM

Wilverson Rodrigo Silva de Melo

**DOI 10.22533/at.ed.78419240410**

**CAPÍTULO 11 ..... 117**

O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO

Carine Magalhães Zanchi de Mattos  
Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti  
Bruna Camargo  
Guilherme Silva Costa  
Patrícia Krieger Grossi

**DOI 10.22533/at.ed.78419240411**

**CAPÍTULO 12 ..... 129**

O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE

Ariadne Mazieri de Moraes  
Francisco Xavier Freire Rodrigues

**DOI 10.22533/at.ed.78419240412**

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>142</b>
O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ	
Cristiane Tabarro Alvori Ahlert	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>148</b>
O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL	
Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>165</b>
OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS	
Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral Marcelo Amaro Manoel da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>176</b>
OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS	
Renata Gonçalves Pinheiro Correa Anna Raquel Silveira Gomes Victoria Zeghbi Cochenski Borba	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>190</b>
PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA	
Andressa Blanco Ramos Bispo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>204</b>
PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR	
Ana Paula Fernandes Ferreira Letícia Carolina Teixeira Pádua	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>207</b>
PERCEPÇÃO DE SAÚDE E COMORBIDADES DO IDOSO: PERSPECTIVAS PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240419</b>	

**CAPÍTULO 20 ..... 217**

PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI

[Marianna Nogueira Cecyn](#)

[Alex Mourão Terzi](#)

[Marcelo Demarzo](#)

[Daniela Rodrigues de Oliveira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.78419240420**

**CAPÍTULO 21 ..... 233**

UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA

[Rosemary Trabold Nicácio](#)

**DOI 10.22533/at.ed.78419240421**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 243**

## O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE

**Ariadne Mazieri de Moraes**

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso,  
Faculdade de Economia

**Francisco Xavier Freire Rodrigues**

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso,  
ICHS - Instituto de Ciências Humanas e Sociais

**RESUMO:** A análise que propõe subsidiar a compreensão da dinâmica dos homicídios motivados pelo narcotráfico na região metropolitana da capital Mato-grossense compõe o projeto “Homicídios Dolosos no Centro Oeste brasileiro. Segundo o Mapa da Violência de 2016, entre 1980 e 2014, o número de homicídios por arma de fogo chegou perto da casa de um milhão de pessoas. Só em 2014 foram 44.861 mortes, com destaque para os jovens de 15 a 29 anos que representam cerca de 26,9% da população total do país e cujas taxas chegam a 53,4% do total de homicídios. O narcotráfico destacou-se como área de interesse por sua particularidade no contexto sócio histórico tanto no que se refere ao território de fronteira do estado, como porta de entrada de narcóticos para o país, como pela contribuição expressiva às transformações ocorridas no interior do território em função da sua estrutura e dinâmica de circulação. Menos que uma prática ilícita, o narcotráfico é uma estrutura paraestatal com dinâmica própria, e

que exerce função de simbiose com o estado. Com relações de trabalho e poder bem definidas, a cooptação da população jovem, figura como estratégia para driblar ferramentas legais e diminuir os custos do negócio visto que o jovem transita de forma mais flexível pelo sistema de segurança pública, pois permanece menos tempo retido; também, nesta perspectiva, fica mais exposto se tornando uma espécie de escudo da organização, o que explica, em certo ponto, o expressivo número de homicídios dessa parcela da população.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narcotráfico, Homicídios, Estado

**ABSTRACT:** The analysis that proposes to subsidize the understanding of the dynamics of homicides motivated by drug trafficking in the metropolitan region of the capital of Mato Grosso competes the project “Dolosos Homicide in the Center West of Brazil. According to the Map of Violence in 2016, between 1980 and 2014, the number of gunshot homicides came close to the home of one million people. In 2014 alone, there were 44,861 deaths, particularly those aged 15-29, who represent about 26.9% of the country’s total population and whose rates reach 53.4% of all homicides. Drug trafficking was highlighted as an area of interest because of its particularity in the socio-historical context, both in relation to the border territory of the state, as a gateway

for narcotics into the country, and for its expressive contribution to the transformations that occurred in the interior of the country. function of its structure and circulation dynamics. Less than an illicit practice, drug trafficking is a parastatal structure with its own dynamics, and which acts as a symbiosis with the state. With well-defined working relationships and power, the cooptation of the young population is a strategy for dribbling legal tools and reducing business costs, since young people move more flexibly through the public security system, since they spend less time retained; also, in this perspective, becomes more exposed becoming a kind of shield of the organization, which explains, to a certain extent, the expressive number of homicides of this part of the population.

**KEYWORDS:** Drug trafficking, Homicide, State

## 1 | INTRODUÇÃO

A Cidade de Cuiabá, fundada em 1719, teve, desde o início, suas bases apoiadas no processo de exploração; com solidificação e crescimento urbano lento e desordenado. Sua expansão expressiva somente se deu a partir da década de 70, fruto do processo de descentralização que se propunha para o estado. A construção de setores estratégicos da administração pública como a Universidade Federal de Mato Grosso e a estrutura do Centro Político Administrativo em áreas específicas da cidade mostra certo controle e direcionamento por parte dos governos no que se refere a espaços destinados, principalmente, à habitação e à tipos de grupos de interesse.

Nesse sentido, a literatura local mostra que o processo de evolução urbana, caminhou numa perspectiva de elitização, fruto da manutenção de interesses sócio históricos constituídos bem como, e atendendo a esses interesses, da especulação imobiliária, que contribuiu para o processo de espraiamento urbano levando os grupos minoritários para áreas cada vez mais distantes, demandando políticas de infra estrutura municipais que se deram de forma deficitária.

O processo de urbanização é fundamental, na proposta de análise, pois elucida os gargalos estruturais que contribuíram para a formação de grupos vulneráveis, foco do processo de cooptação de estruturas espúrias como a do narcotráfico.

Essa perspectiva fica aparente na análise de Foucault (1978) ao enfatizar a importância da população quando esta passa a ocupar a centralidade na perspectiva do que o autor chamará “governa mentalidade”

“O que gostaria de mostrar é a relação histórica profunda entre: o movimento que abala a constante da soberania colocando o problema, que se tornou central, do governo; o movimento que faz aparecer a população como um dado, como um campo de intervenção, como o objeto da técnica de governo” (FOUCAULT, 1978, p.171).

E acrescenta:

“O conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa



de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança. ” (FOUCAULT, 1978, p. 171).

Assim, numa visão estruturalista, entendendo que o narcotráfico se apropria das dinâmicas de desenvolvimento das cidades e as utiliza em seu favor num processo de simbiose, objetivamos produzir conhecimento qualitativo visando um melhor entendimento acerca das ocorrências de homicídios dolosos na região de Cuiabá e Várzea Grande, motivados por ele, fornecendo subsídios para o Pacto Nacional pela Redução de Homicídios, assim como a contribuição para o aprimoramento da Política Nacional de Segurança Pública da SENASP/Ministério da Justiça.

A escassez de indicadores e dados balizadores para a análise da dinâmica dos homicídios dolosos no país torna também deficitária a adoção de políticas e programas efetivos para a contenção e prevenção deste tipo de ocorrência. A falta de dados, principalmente no que se refere ao autor do ato de infração, atenta para a urgência na busca da percepção dos diferentes atores sociais envolvidos nos homicídios com dolo, relacionados ao narcotráfico, no intuito de sistematizar e analisar dados qualitativos, levando em consideração motivação, conjunturas sociais e culturais ligadas ao local da consumação do crime, como também através da compreensão das estratégias e respostas dadas pela segurança pública do Estado.

Portanto, buscamos identificar as principais regiões de Cuiabá e Várzea Grande onde ocorrem homicídios dolosos; entender a dinâmica social levando em consideração, além das perspectivas dos agentes de segurança pública, também, a percepção dos familiares das vítimas e dos autores apontando possíveis soluções para o problema

Entendemos que, realizar o diagnóstico nacional de homicídios, converge com a demanda social brasileira e comunidade internacional no sentido de promover ações que possam melhor compreender e minimizar as mortes por homicídios dolosos no país e nesse sentido, é importante que haja ampliação no quadro de análises que quantifiquem e proponham a compreensão da dinâmica dos homicídios dolosos através da análise do perfil das pessoas que compõe o evento bem como dos cenários e motivações que influenciam as ocorrências.

Dessa forma, o interesse na proposta de pesquisa apresentada reside na grande possibilidade de impacto que esse esforço coletivo poderá trazer em termos de conhecimento científico sistematizado sobre as dinâmicas dos homicídios dolosos no Brasil, tanto do ponto de vista regional quanto pela possibilidade de comparativo nacional. Mostra-se fundamental o detalhamento e demonstração dos modos de funcionamento social que circundam esses fenômenos assim como as lógicas que compõem as respostas dos Sistemas de Segurança Pública nesse cenário. O narcotráfico, como categoria delimitadora, figura como expoente dentre as causas de homicídios dolosos na região metropolitana de Cuiabá. Assim se faz necessária a contextualização social e econômica de forma a entender o porquê de sua ocorrência em grande escala nas regiões periféricas da capital.

## 2 | ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS SOBRE O CRIME

Para alcançarmos o intuito de produzir material qualitativo acerca da temática, abrangente, da segurança pública na perspectiva de reflexão e criação de ferramentas que possam minimizar a ocorrência dos homicídios e mais especificamente, os homicídios dolosos no interior do país, tomamos como ponto de partida a imersão na estrutura bibliográfica a respeito do universo interacional do crime.

A revisão bibliográfica proporcionou contato com conceitos diversificados sobre o crime, suas vertentes e desdobramentos evidenciando a primeira dificuldade: o recorte do objeto de estudo está contemplado na estrutura bibliográfica disponível? Qual a sua extensão? Ela dá conta dos questionamentos e propõe metodologia bem como respostas sistematizadas as quais possamos tomar como ponto de partida para diminuição/contenção dos percentuais de homicídios dolosos no país?

Para responder a tais questionamentos empreendemos na sociologia do crime de Philippe Robert (2007) cujo trabalho evidencia que há uma deficiência na construção do objeto e onde as teorias universais não encontraram campo fértil para desenvolver suas bases principalmente no que se refere à tipificação, quesito fundamental para balizar seus argumentos, pois estavam, todas elas, de forma direta ou indireta, ligadas à um tipo de determinismo comportamental ora justificado por dificuldades Inter relacionais, de espaço, do processo migratório, das transformações urbanas e de não adaptação à estruturas institucionais ora pela interiorização de novos códigos e modelos criados a partir dessa realidade, mas todos, recorte de parcelas muito específicas da população. Retomaremos essa análise ao tratar da teoria racional do agente criminoso proposta por Gary Becker (1968), expoente que trabalhará, em alguns aspectos, de forma inovadora o crime por uma perspectiva econômica.

No Brasil, os materiais encontrados tentam dar conta da temática do crime, como um ranço social, utilizando renda, distribuição, desigualdade, e percentual de homicídios como variáveis que se correlacionam no processo de mensuração de um cenário que, nesse aspecto, parece figurar um ciclo vicioso dado o contexto sócio histórico de países como o Brasil.

É importante destacar que, quando se trata dos dados levantados, as instituições e o papel do estado aparecem de forma superficial e coadjuvante porquanto seu papel regulador está atrelado à um liberalismo que pensa o patrimônio, ou, ainda, os indivíduos e seus patrimônios e nesse sentido, o mesmo somente se materializa de forma efetiva na figura da segurança pública. Contudo veremos que o estado na figura de suas instituições exerce um papel menos preventivo e mais regulador e mantenedor das estruturas inter-relacionais do crime e de seus desdobramentos bem como das relações de poder que se apresentam explicita e subjetivamente.

Notadamente, nos trabalhos mais antigos e mais atuais há dificuldade, por um lado, de se desfazer da herança de que, por um lado, grupos específicos “tendam” ao crime e, por outro, o papel do estado esteja representado na segurança pública.

De outro modo, os modelos econométricos, dada essa classificação, não dão conta de explicar tais “fenômenos” com precisão, seja pela inconsistência/deficiência na obtenção dos dados, ou por falhas metodológicas que confundem as análises.

Para além disso, há ainda a especificidade do narcotráfico como estrutura particular do crime, o que nos permite, como proposto anteriormente, retomar a teoria de Gary Becker apontando para o *Homo economicus*.

Becker trabalha com duas teorias que dialogam entre si: a do capital humano (1962) e a da criminalidade (1968). Segundo ele, a teoria do capital humano analisa como a produtividade do indivíduo é alterada pelos investimentos em educação, habilidades e conhecimento, estando elas em situações dentro e fora do mercado. Perceba que a teoria dá indícios de como podemos trabalhar, não somente o papel do indivíduo na sociedade, mas, a participação efetiva do estado no olhar e na construção desse indivíduo que racionalmente decide sobre o que aportar em sua educação, saúde e outras adições ao conhecimento pesando ganhos monetários e não monetários. Importante ressaltar que, tanto a teoria do capital humano quanto a teoria do crime não se pretendem como explicação única, mas fazem ressalvas às teorias do século XX, que, moldadas para o uso ferramental estatístico da econometria, como excelência, busca explicar de forma satisfatória parte significativa do objeto estudado quando está praticamente pressuposto no método, que explicar toda a variação de um dado problema é praticamente impossível (CONTI, 2015).

O que a teoria de Becker quer explicar, na perspectiva do capital humano - não obstante haja críticas quanto a um certo “determinismo racional” à sua teoria do crime no que se refere às ações empreendidas pelo indivíduo - é que as pessoas agem de acordo com uma racionalidade adquirida de diversas formas sutis de aprendizado, captadas, também, de formas diversas.

“A perspectiva da maximização das preferências individuais abrange todas as questões sociais e políticas, desde os efeitos das grandes instituições políticas como legislaturas, cortes, eleições burocracias a fenômenos como corrupção, produção e troca, revolução, ou nos estudos da criminalidade (...) a interação estratégica dos indivíduos localizados em um contexto bem definido é uma marca dessa concepção teórica na qual as instituições são moldadas via seus efeitos sobre o conjunto de ações disponíveis para cada indivíduo sobre a sequência de ações e sobre a informação disponível para cada tomada de decisão do agente.” (WEIGAST, 1998, p. 70).

Mas de que forma faremos a interação dessa teoria com a teoria do crime e mais, com o Narcotráfico?

Foucault traz alguns apontamentos em sua obra “Microfísica do Poder” (1978) que, de forma pontual, contribui para a leitura da teoria de Becker, em quatro níveis de análise a saber: o conhecimento, o indivíduo, as relações de poder e o estado.

O conhecimento colocaria às diversas teorias, as diversas formas que as sociedades irão organizar seu pensamento sobre seus próprios problemas práticos. Esse conhecimento, portanto, tem uma relação direta com as práticas do poder que

existem na sociedade e é ele próprio, um tipo de poder, que segundo o próprio Foucault, além de coerção, figura como possibilidade. Esse conjunto de conhecimentos e de poderes levam a uma concepção de indivíduo, que pratica e/ou sofre, simultaneamente, as mesmas relações de poder dentro de determinadas práticas.

O estado, nesse aspecto, figura como regulador, não somente no aspecto coercitivo das ações coletivas e individuais, mas contribuindo no modo como as relações de poder irão se construir no interior da sociedade.

“O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considera-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir” (FOUCAULT, 1978, pág. 07).

Para o estado, no recorte do objeto de estudo, o narcotráfico, exerce uma função simbiótica no sentido em que este figura como estrutura parastatal daquele, com dinâmica própria e não raro, complementar às ações não promovidas e/ou não amparadas pela estrutura do mesmo.

Assim, esse dialogo das perspectivas de Foucault com as teorias de Becker, levou a pesquisa, através das referências, à percepção de quão superficiais os dados obtidos até agora podem ser para explicar não somente os homicídios motivados por essa estrutura do crime (os dados se referem à motivações análogas ao narcotráfico) mas para analisa-la em toda a sua fisiologia visto que perpassa as esferas sociais convencionalmente abordadas nas pesquisas.

### 3 | METODOLOGIA

A pesquisa teve como escopo os municípios de Cuiabá e Várzea Grande, situadas na unidade federativa estado de Mato Grosso e consistiu em estudo empírico com articulação de diferentes metodologias que permitiram trazer pontos de vista pertinentes ao entendimento da dinâmica sociocultural que circunda a questão dos homicídios em cada localidade, quais sejam: metodologia exploratória e compreensiva.

#### 3.1 Pesquisas Exploratórias

A pesquisa exploratória se funda sobre um problema, ou questão de pesquisa, que geralmente foram pouco estudados. O objetivo desse tipo de estudo é procurar padrões, ideias ou hipóteses. Sua intenção não é, necessariamente, testar ou confirmar uma determinada conjectura.

Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007).

A metodologia exploratória permitiu fazer a sistematização dos dados disponíveis acerca dos homicídios dolosos nos municípios estudados e possibilitou o recorte do território e da categoria pesquisada. Esta compreendeu a coleta e sistematização dos dados referentes ao ano de 2014 e 2015 sobre homicídios dolosos, por atores estatais, como delegados, as polícias civis e integrantes da sociedade civil organizada, utilizando como dados de coleta: tipos de homicídios cometidos na localidade, formas de registro em bancos de dados, categorizações e mapeamentos já disponíveis, identificação das vítimas e dos autores, motivação, meios empregos no crime, etc. Assim, definidos o território com maior incidência de homicídios em cada município pesquisado, bem como as categorias de homicídio prevalentes para aquela localidade. Esses dados foram fornecidos pela SENASP/MJ e pelas Delegacias Especializadas em Homicídios (DHPP-Cuiabá/MT).

A definição do território foi feita a partir do mapeamento criminal dos casos de homicídios dolosos do município, com ênfase nas ocorrências relacionadas ao narcotráfico na região metropolitana da capital mato-grossense, evidenciando sua delimitação espacial dentro desses municípios.

### **3.2 Pesquisa Qualitativa**

A pesquisa qualitativa estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito, de forma a mostrar aspectos subjetivos e atingir motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. É utilizada quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação (GOLDENBERG, 1997).

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha geralmente com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem ampliado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação, entre outras. No entanto, a pesquisa qualitativa é muito criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14).

Através da pesquisa qualitativa, utilizamos o método compreensivo, o qual nos conduziu para a interpretação dos dados e dos discursos produzidos pelos diferentes atores que puderam trazer pontos de vista sobre as dinâmicas dos homicídios dolosos em Cuiabá e Várzea Grande. A pesquisa qualitativa consistiu no estudo de casos de homicídios dolosos pertencentes às categorias prevalentes do território, conforme a definição feita na pesquisa exploratória.

Diante dos vários casos de homicídios dolosos, que envolvem o narcotráfico, ocorridos nas regiões pesquisadas, apresentaremos os fragmentos das entrevistas, evidenciando a dinâmica dos agentes, das instituições buscando elucidar o contexto do ato infracionário bem como dos agentes, os perfis dos envolvidos (vítima e autor),

a motivação do crime, o vínculo social entre vítima e autor, os locais de moradia da vítima e local do homicídio, assim como as estratégias adotadas por todos os atores que compõem o fluxo de resposta aos homicídios.

Dessa forma apresentamos os atores sociais a serem ouvidos na pesquisa qualitativa, através de entrevistas e/ou grupos focais com familiares de vítimas, testemunhas, defensores de direitos humanos, representantes de organizações da sociedade civil, profissionais de segurança pública envolvidos na investigação e no policiamento ostensivo do local do crime, especialistas e autoridades da área da segurança pública e justiça criminal com conhecimento do caso. Todos escolhidos por poder trazer pontos de vista para a composição da conjuntura social e cultural que cerca o crime. Os grupos focais serão realizados em separado, conforme as características das pessoas envolvidas. O objetivo é que essa pesquisa forneça a percepção dos atores sociais sobre o fato e o papel da Segurança Pública e da Justiça Criminal nesse contexto, viabilizando essa compreensão por diferentes ângulos e criando um panorama amplo visando compreender esse tipo de ocorrência.

#### **4 | NOTAS PROCEDIMENTAIS E TRABALHO DE CAMPO**

Iniciamos a pesquisa com a revisão bibliográfica, ferramenta balizadora para o processo de análise e norteadora para a compreensão da dinâmica dos homicídios na região metropolitana de Cuiabá. Verificamos, a partir da bibliografia apresentada que há, ainda, muita incerteza em relação a efetividade dos dados produzidos, seja porque a eficiência das ferramentas disponíveis não dá conta da complexidade da dinâmica dos homicídios, dados disponíveis, mensuração, correlação de indicadores dentre outros, seja porque a justificação dessa dinâmica não se sustenta na estrutura de qualificação a qual o estado lhe confere lugar. Para além disso, verificamos que, para a análise da dinâmica do narcotráfico, menos que teorias clássicas sobre o crime, as análises das transformações sociais no âmbito das aglomerações urbanas, das instituições e do papel do estado no processo de desenvolvimento da sociedade, dão o tom do direcionamento para o processo de compreensão dessa dinâmica.

Nesse sentido, houve mudança no foco para as referências bibliográficas dada a particularidade da temática, bem como mudanças na perspectiva metodológica no sentido de quais atores sociais e instituições poderiam contribuir com o desenvolvimento da pesquisa com dados que estejam mais próximos da leitura dessas interações sociais, para analisa-las. Verificamos a partir disso que os homicídios são tipificados por diversas causas oficiais, contudo, de acordo com os resultados dos principais estudos sobre a temática dos homicídios, no Brasil, Característica populacional, idade, raça, espaço geográfico, o narcotráfico segue correlacionado, direta ou indiretamente, no ocasionamento desses atos infracionais.

Em entrevista feita com profissionais do Complexo Pomeri em Cuiabá, quando questionados sobre a correlação do narcotráfico com os atos de infração de menores

em processo de ressocialização:

“(…) Mas os que vêm, os que têm no artigo a tipificação de homicídio, grande parte é motivada pela disputa por território e problema relacionado à questão do tráfico, grande parte.” (E.G.A.P – Psicóloga, Centro de Internação Complexo Pomeri, Cuiabá – MT).

“Na maioria das vezes é, ou ele morre por que está roubando ou cometendo crimes para sustentar o vício ou ele morre na mão de traficantes que cobram dívidas, então isso também acaba acontecendo, então a questão das drogas, a meu ver, e como as pesquisas mostram, tem influência direta, sim.” (R.K.S – Gerente – Centro de internação provisória Complexo Pomeri, Cuiabá/MT).

Verificamos também, de acordo com os mesmos estudos oficiais, que o acometimento dos homicídios é desproporcionalmente mais expressivo na parcela mais jovem da sociedade, a faixa etária de 15 a 29 anos é a mais atingida. Indicadores como pobreza, concentração de renda e desigualdade social, estão diretamente ligados à realidade desses centros de ressocialização.

“Aqui na instituição, pelo menos no tempo em que eu atuo, é visível que a entrada é recorrente entre os adolescentes de baixa renda, de família considerada pobre; já chegaram adolescentes que vieram pra cumprir pena por acidente, homicídio, mas não chegaram a cumprir medida de internação, por quê? Porque era uma família rica e “tal”, então eles não foram devidamente sancionados, então, não foram responsabilizados pelo ato, então 80/90% dos adolescentes são de famílias pobres. Parece que é uma justiça para essa parte da população” (E.G.A.P – Psicóloga, Centro de Internação Complexo Pomeri, Cuiabá – MT)

Contudo, percebe-se que existe uma dinâmica que contribui para a construção desse quadro, do “perfil social” de quem ocupa os centros de ressocialização; a estrutura que compõe a dinâmica social do cotidiano desses jovens e o conjunto de significantes gestados por ela, seja na qualidade dos espaços voltados à educação que esses ambientes oferecem no acesso a saúde, na construção de espaços de lazer e desenvolvimento humano.

“Eu acho que a questão do tráfico é a proposta fácil, de dinheiro fácil e rápido e a questão de os adolescentes terem saído, evadido da escola muito precocemente, não haverem políticas, não chegarem até eles, eles ficam sem perspectiva, eles não terem outras atividades. Algo já se perdeu (…)” (E.G.A.P – Psicóloga, Centro de Internação Complexo Pomeri, Cuiabá – MT)

“O que a gente percebe aqui na unidade, é que quem é de classe mais alta acaba não vindo pra cá por ter recursos de advogado ou outros recursos, que ele acaba não vindo. (...) a questão é de quem tem mais dinheiro pra um que tem menos dinheiro, aí é o advogado... aí que a gente fala que tem classe mais baixa aqui, por conta disso(…)” (R.K.S – Gerente – Centro de internação provisória Complexo Pomeri, Cuiabá/MT).

Ainda, verificamos que a dinâmica do narcotráfico exerce uma espécie de simbiose com a estrutura do estado no sentido em que identifica seus gargalos estruturais e se utiliza deles no processo de cooptação de seus agentes:

“Eles são a ponta, por que eles são menores de idade e porque essa parte dos traficantes, aqueles que mandam, aqueles que comandam, acham interessante

manter adolescentes, e a tendência é eles procurarem “eles” ainda mais jovens, porque aí eles vão servir por mais tempo, porque eles sendo apreendidos não vão ficar tanto tempo quanto ficaria uma pessoa maior de idade. Eles oferecem menos custos e prejuízos; não só a questão do tempo mas eu acredito que, o que é passado de valor pra eles, em função dessas atividades, é bem menor do que uma pessoa adulta e eu não sei qual é o estabelecido, porque do que chega, o que a gente acompanha, é a família e ele não pode contar, assume tudo o que empurrarem pra ele, porque na maioria das vezes, tá ele e um maior, mas ele assume tudo, até pra preservar a própria vida e da família, porque existe em torno disso uma ameaça e eu acho que dá menos prejuízo pra organização.” (E.G.A.P – Psicóloga, Centro de Internação Complexo Pomeri, Cuiabá – MT)

O estado, por sua vez, participa dessa dinâmica, direta e indiretamente, seja porque o narcotráfico fomenta parte da economia, ora pelo comércio, consumo e movimentação de instituições específicas da sociedade, ora porque mecanizam essas mesmas instituições através de práticas como a lavagem de dinheiro,

“Então hoje, quem determina essa cadeia, quem traz de fora, quem determina o que passa na mão de quem, é muito grande (...) hoje, se prende o cara que é o grande, vem três atrás se matando entre si para ocupar o espaço, então eu acho que é uma estrutura muito bem pensada, bem trabalhada e o estado em si, a polícia não conseguem tirar, tai um exemplo, as pessoas que estão no presídio cumprindo pena e administrando lá fora (...). A estrutura do estado está posta para atacar a periferia, mas a periferia tá no fim do túnel, quem busca a droga tem condições, por que um cara da periferia não vai pra Bolívia, ele não tem contato com o avião, ele não pilota o avião, aí a polícia já foca aqui em baixo onde todos já estão se matando.” (A.D.C – Agente de segurança do Socioeducativo)

“O tráfico de drogas é hoje, pra muitas pessoas, pra muitas famílias, um meio de sobrevivência; o tráfico de drogas pra muitas famílias que a gente percebe é a fonte de renda, e como a gente faz acompanhamento familiar aqui, dá pra perceber que o adolescente que estava aqui, só era aquela ponta, só fazia o “corre”, mas tem toda uma estrutura por trás, que é uma estrutura da família mesmo (...) hoje tem famílias de adolescentes que estão aqui dentro, que vivem disso, que dependem disso, e usam o menor não só no tráfico, mas em tudo, ou por que não tem outra opção, ou porque não querem, é um trabalho pra eles, uma fonte de renda, o tráfico tem uma estrutura muito maior do que a gente pensa.” (R.K.S – Gerente – Centro de internação provisória Complexo Pomeri, Cuiabá/MT)

Entendemos que, parte da dificuldade em se alcançar resultados mais efetivos acerca da temática dos homicídios e, mais do que isso, dos que se relacionam direta ou indiretamente com o narcotráfico se dá pelo ocultamento, proposital, da parte estruturante da organização, uma cadeia de relacionamentos que dialoga com a esfera do estado, que por sua vez assume a ineficiência das instituições, mas se utiliza das práticas espúrias do narcotráfico para um tipo de justificação determinista e sectária ao mesmo tempo em que se apoia numa perspectiva conveniente de anomia social.

## **5 | PARECER SOBRE A PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA TEMÁTICA DOS HOMICÍDIOS RELACIONADOS AO NARCOTRÁFICO**

A proposta de produção de conhecimento qualitativo e entendimento acerca do número expressivo e crescente dos homicídios no Brasil convergem com a



compreensão de que existe uma lacuna entre os dados produzidos e os resultados que se espera alcançar, isso porque a correlação dos fatores de ocorrência dos homicídios oferece um panorama parcial e, não raro, equivocado do todo social. As ferramentas econométricas dialogam com dificuldade com o emaranhado sociológico de significantes que compõe a ação social, nesse quadro, dificultando a construção fidedigna de um panorama que possa convergir em políticas satisfatórias para a transformação social. Mais do que estatísticas, embora estas sejam fundamentais, principalmente no que se refere à administração pública, é importante compreender o porquê e como se constroem esses cenários de “refugo humano”, fazendo uma referência à Bauman em sua obra *Vidas Desperdiçadas*:

A produção de “refugo Humano”, ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (...) é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade. É um inescapável efeito colateral da construção da ordem (cada ordem define algumas parcelas da população como “deslocadas”, “inaptas” ou “indesejáveis”) e do progresso econômico (...). (BAUMAN, 2005, p. 12).

O narcotráfico, menos que uma prática ilícita, é uma estrutura paraestatal com dinâmica própria e que exerce função de simbiose com o estado. Com relações de trabalho e poder bem definidas, a cooptação da população jovem, mais vulnerável às estruturas subjetivas da sociedade de consumo e, não raro, fonte de renda da família, figura como estratégia para driblar ferramentas legais e diminuir os custos do negócio visto que o jovem transita de forma mais flexível pelo sistema de segurança pública, pois permanece menos tempo retido; também, nessa perspectiva, fica mais exposto às estruturas legais se tornando uma espécie de escudo da organização, o que explica, em certo ponto, o expressivo número de homicídios dessa parcela da população.

A dificuldade de relacionar diretamente as bibliografias disponíveis à temática do narcotráfico dada a sua dinâmica multifuncional e interdisciplinar é um desafio para a pesquisa. O narcotráfico transita por tantas esferas quanto possíveis e cria uma teia de relações complexas de modo que, não menos importante que entender a dinâmica dos homicídios, atentamos para a necessidade de compreensão das relações de poder das esferas mais complexas às menos complexas da sociedade.

Entendemos que o processo de observação do ambiente institucional aos quais os agentes de ato infracionário estão inseridos bem como o olhar de quem participa do cotidiano desses agentes é fundamental para o entendimento de como e em que medida a engrenagem institucional contribui para a construção efetiva do processo de ressocialização, se, e em que proporção ele acontece e, nesse sentido, a principal dificuldade foi o processo burocrático de liberação dos agentes para a realização das entrevistas; no caso dos menores, embora tivéssemos recebido sinal positivo para a realização das entrevistas, não obtivemos o retorno do Juiz para a realização das mesmas.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, S. **Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea**. *Jornal de Psicologia-PSI*, n. Abril/Junh, p. 7-8, 2002.
- Capital Humano, Crime e Punição: Becker, Foucault e os seminários de Chicago de 2012 e 2013\***; Conti-T.-V.-2015-O-Debate-Becker-Foucault.pdf
- Economia do crime: uma análise econômica das variáveis que levam um indivíduo a optar pelo crime**; [http://www.uesb.br/eventos/semana\\_economia/2013/anais-2013/i02.pdf](http://www.uesb.br/eventos/semana_economia/2013/anais-2013/i02.pdf)
- Estudos Econômicos das Causas da Criminalidade no Brasil: Evidências e Controvérsias**; [http://www.anpec.org.br/revista/vol9/vol9n2p343\\_372.pdf](http://www.anpec.org.br/revista/vol9/vol9n2p343_372.pdf)
- ANDRADE, Luciana Teixeira de; DINIZ, Alexandre Magno Alves. **A reorganização espacial dos homicídios no Brasil e a tese da interiorização**. *Rev. bras. Estud. Popul.* São Paulo, v. 30, supl. p. S171-S191, 2013.
- ARAÚJO, E. M. ; PEREIRA, L. A. ; CARVALHO, M. J. S. ; NERY, F. S. ; SOUZA, I. M. . **Preenchimento da variável raça/cor de grupos selecionados de causas de morte no sistema de informações sobre mortalidade**. *Boletim do Instituto da saúde*, v. 15, p. 42-50, 2014
- BARCELLOS, Christovam; ZALUAR, Alba. **Homicídios e disputas territoriais nas favelas do Rio de Janeiro**. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.48, n.1, p.94-102, 2014
- BEATO FILHO, Cláudio Chaves. **Crime e cidades**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012
- BERGER, PETER. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 1985. **Alternância e biografia, ou, Como adquirir um passado pré-fabricado**. In: **Perspectivas sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- CARDIA, N.; SCHIFFER, S. **Violência e Desigualdade Social**. In: *Revista Ciência e Cultura*. São Paulo. Jul/set, p. 25-31, 2002
- COSTA, Arthur Trindade M. **É possível uma política criminal? A discricionariedade no sistema de justiça criminal do DF**. *Sociedade e Estado*, Brasília, vol. 26, n.1, p. 97–114, 2011b.
- DINIZ, A. M. A. & BATELLA, W. B. 2006. **Abordagens espaciais no estudo da criminalidade violenta nas cidades médias mineiras**. In : *Simpósio Internacional sobre Cidades Médias*, Uberlândia. Anais, Uberlândia, p. 1-13.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. **Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo**. *Cad. CRH*, Salvador , v. 23, n. 58, p.
- FERREIRA-SANTOS, J.E. ; BASTOS, A. C. S. . **Etnografia da favela à noite**. *Os Urbanitas* (São Paulo), v. 6, p. 307-333, 2010.
- FERREIRA-SANTOS, J.E. ; BASTOS, A. C. S. . **O vingador: o jovem como perpetrador - e vítima - da violência de periferia em Salvador, Bahia**. *RBSE. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* (Online), v. 8, p. 623-646, 2009
- FILHO, Argemiro Procópio; VAZ, Alcides Costa; **O Brasil no contexto do narcotráfico internacional**; *Rev. Bras. Polít. Int.* 40 (1): 75-122 [1997].
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LIMA, M. C.; XIMENES, R.; SOUZA, E.; LUNA, C. & ALBUQUERQUE, M. F. 2005. **Análise espacial dos determinantes socioeconômicos dos homicídios no Estado de Pernambuco**. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 176-182, abr.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISSE, M. . **Sobre a Construção Social do Crime no Brasil: Esboços de uma Interpretação**. In: Michel Misse. (Org.). Acusados e Acusadores: Estudos sobre ofensas, acusações e incriminações. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2008, v. , p. 13-32.

MISSE, Michel. **O papel do inquérito policial no processo de incriminação no Brasil: algumas reflexões a partir de uma pesquisa**. Sociedade e Estado, Brasília, vol. 26, n. 1, abril de 2011.

PERES, Maria Fernanda Tourinho et al. **Homicídios, desenvolvimento socioeconômico e violência policial no Município de São Paulo**, Brasil. Rev Panam Salud Publica, v. 23, n. 4, p. 268-76, 2008.

RAMÃO, Fernanda Pamplona . **Espaço urbano, desigualdade socioespacial e dinâmica dos homicídios em Cascavel/PR**. Percurso (Curitiba), v. 2, p. 97, 2009.

PERES, Maria Fernanda Tourinho. **Violência: um problema de saúde pública**. LIMA, Renato Sérgio;

PAULA, Liana de (Org.). **Segurança pública e violência: o estado está cumprindo seu papel?** São Paulo: Contexto. 2008. p. 101-11.

RAMÃO, Fernanda Pamplona ; WADI, Yonissa Marmitt . **Espaço urbano e criminalidade violenta: análise da distribuição espacial dos homicídios no município de Cascavel/PR**. Revista de Sociologia e Política (Online), v. 18, p. 207-230, 2010.

ROBERT, Philippe. **Sociologia do Crime**. São Paulo: Vozes, 2007.

SILVA, Klarissa Almeida. **CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS CRIMES DE HOMICÍDIOS DOLOSOS: compreendendo fluxo dos papéis e impunidade dos indivíduos a partir da análise das tipologias**. Artigo apresentado na ANPOCS 2008.

SILVA, Luiz Antônio Machado da; LEITE, Márcia Pereira. **Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas**. Soc. Estado., Brasília, v. 22, n. 3, p. 545-591, Dec. 2007.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO** Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-278-4

